TEATRO
13, 14 MAIO 2016

Guy de Cointet

Five Sisters

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS
Culturgest

© Sal Kroonenberg / If I Can't Dance, Amesterdão · Cortesia Guy de Cointet Society, Air de Paris e Estate of Eric Orr

Texto e encenação original Guy de Cointet Luz e som originais Eric Orr

Pesquisa e dramaturgia Marie de Brugerolle Encenação Jane Zingale
Interpretação Violeta Sanchez, Einat Tuchman, Adva Zakai, Veridiana Zurita
Luz e som Elizabeth Orr Guarda-roupa moniquevanheist Curadora Frédérique Bergholtz
Curadora assistente Vivian Ziherl Produção Hans Schamlé

Esta nova apresentação de *Five Sisters* é uma encomenda de If I Can't Dance, I Don't Want To Be Part Of Your Revolution e uma iniciativa conjunta de If I Can't Dance (Amesterdão), STUK Kunstencentrum (Lovaina) e MUSAC (Leão); contou com o apoio financeiro da Guy de Cointet Society, Étant Donnés, Mondriaan Foundation, Programa Cultura da União Europeia, e do Amsterdam Fund for the Arts; coprodução de If I Can't Dance (Amesterdão), LACMA (Los Angeles), MUSAC (Leão), MoMA (Nova Iorque), Museo Reina Sofia (Madrid) e STUK (Lovaina). Agradecimentos: Yael Davids, Dora Garcia e Estate of Eric Orr.

Programa organizado em colaboração com a Guy de Cointet Society / Air de Paris e o Estate of Eric Orr.

Sex 13, sáb 14 de maio
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 50 min · M12

Foi em Los Angeles, onde se radicou em 1968, que Guy de Cointet (Paris, 1934 – Los Angeles, 1983) produziu a obra extraordinária pela qual é hoje consensualmente reconhecido no mundo da arte: uma profusa produção de desenhos, obras que tomam a forma democrática do livro, um extenso conjunto de peças teatrais (para as quais escreveu os textos, produziu objetos e dirigiu atores, na sua maioria mulheres). A retrospetiva que a Culturgest lhe dedica, *Who wrote that?*, é acompanhada pela apresentação de várias das suas peças teatrais. Guy de Cointet seguiu, na criação dessas peças, o método tradicionalmente usado no teatro: escrita do texto, escolha dos intérpretes, ensaios. Ao longo dos anos, o artista foi apurando um estilo muito próprio e inconfundível, pleno de artifício e de humor, caracterizado pela maneira enfática de representação (expressão verbal e gestual dos atores), pelo modo como os objetos são integrados e ativados, por um constante entrelaçamento entre o familiar, o absurdo e o enigmático. Em *Five Sisters* (1982), a sua última criação teatral, o artista prescinde de objetos. A iluminação assume, em contrapartida, uma importância crucial na construção dramatúrgica da peça.

Five Sisters, de 1982, foi a última peça para *performance* teatral que Guy de Cointet escreveu. E foi também aquela que lhe proporcionou uma maior aclamação nos círculos estritos da crítica especializada. A revista *Arforum*, por exemplo, considerou-a "a sua peça mais conseguida e madura". Em relação às anteriores, ela apresenta uma diferença significativa e até surpreendente, para quem conhece o trabalho do artista: não há aqueles objectos estranhos, geométricos, destituídos de função utilitária, remetendo para a poesia visual (um aspecto acentuado por eles apresentarem, muitas vezes, letras desenhadas), que desempenhavam um papel fundamental como detonadores arbitrários das palavras, elementos que engendravam discurso. Ora, em *Five Sisters* a linguagem desenvolve-se sem adereços cénicos, é a matéria performativa primeira. E aqui "performativa" tem um duplo sentido: as palavras, o discurso, são o objecto fundamental da *performance*; mas elas também são "performativas" porque fazem coisas. No palco, as actrizes de *Five Sisters* fazem coisas com palavras. E essas coisas estão para além da representação teatral, na medida em que não seguem os seus códigos: o agenciamento dramático-narrativo e a intriga são quase anulados pela dimensão abstracta da linguagem (que perde o carácter de um texto dramático), da mesma maneira que as actrizes não chegam a ganhar a densidade e a interioridade de personagens. São como que protótipos femininos, figuras estetizadas que poderiam recitar uma proposição de Valéry: "O que há de mais profundo é a pele". Elas não são apenas mulheres de palavras, *bavardes*, tagarelas, são também energias e ritmos que preenchem um palco minimalista, também ele uma superfície lisa, onde apenas se destaca um banco corrido e duas aberturas – duas portas – por ondem entram e saem as *performers*, em constante circulação, desenhando movimentos geométricos que, na sua dimensão abstracta e não representativa, não se inscrevem numa ordem da encenação teatral.

No palco, "desfilam" – justifica-se aqui a palavra que remete para o mundo das *passerelles* – cinco irmãs, que se encontram, num domingo à tarde, na casa onde cresceram – a casa dos pais, que morreram há muito tempo. Chamam-se Maria, Yvonne, Rachel, Eileen, Dolly. E a casa situa-se na Califórnia. São mulheres muito independentes e, algumas, dedicadas a actividades de nível elevado: negócios, advocacia, pintura. Vestem roupas leves e elegantes, têm um ar radioso e falam das suas experiências. Muito embora se interpelem, se cruzem e se interrompam, a conversa tem o carácter de um débito discursivo que não supõe uma verdadeira dialéctica. De que falam estas mulheres? Falam de si próprias e da vida moderna, de modo frívolo. Trate-se das coisas pessoais ou profissionais, da saúde ou dos cuidados de beleza, das viagens ou das actividades profissionais, das relações familiares ou sociais, o hedonismo mais superficial parece ser a regra de vida de todas elas, e é isso que elas "performam", com uma gestualidade intensificada que acentua a artificialidade e tende para a caricatura ou para a sátira. A *performance* ganha assim alguns traços próprios da *soap opera*, mas onde se vêm incrustar elementos de um absurdo que umas vezes se aproxima do jogo surrealista e outras vezes não está longe do cómico kafkiano. Tendo sido escrita em 1982, esta peça faz implicitamente referências a um pós-modernismo que também se apresentou como uma manifestação de tendências e fenómenos de superfície. A frivolidade cómica está bem patente na passagem em que Maria conta que, tendo recentemente regressado de uma viagem de férias a África, desenvolveu uma alergia ao sol da Califórnia e ameaça ir embora: "Vou para o Norte, onde o Sol nunca brilha". Mas, tal como as suas irmãs, ela irradia o imaginário da vida ociosa e hedonista da costa oeste dos Estados Unidos.

Uma das cinco irmãs é pintora e tem uma predilecção pela cor vermelha. Enquanto pintora, ela não tem com a cor uma relação que não seja ditada pelo ambiente. Uma relação eminentemente sensitiva, nada elaborada conceptualmente. O sol, a luz, a cor: estes são os elementos e motivos fundamentais da peça, formalmente presentes na organização e transformação do cenário. Na verdade, todas as alterações que se dão ao longo da *performance* têm que ver com alterações cromáticas da luz. As variações mais notáveis são as da passagem do azul ao vermelho. Uma das irmãs cita Picasso: "Quando não tenho azul, uso o vermelho". Ora, a equivalência entre a referência culta

© Sal Kroonenberg / If I Can't Dance, Amesterdão · Cortesia Guy de Cointet Society, Air de Paris e Estate of Eric Orr

(neste caso, Picasso) e a referência a questões da vida mundana está presente repetidamente nesta peça e determina a artificialidade do ambiente intelectual e afectivo que nela se cria. Ela integra os assuntos mais heterogéneos, que se sucedem sem preocupações de coerência e continuidade, mas há um motivo recorrente, que é a obsessão pela cor e pela luz. E isso manifesta-se, em termos cénicos, de maneira bem visível. É, aliás, a única coisa que vem quebrar a monotonia e o minimalismo do cenário e exerce uma função importante que consiste em sublinhar as mudanças de humor das "personagens", as emoções e excitações. Elas são figuras fotossensíveis, essa parece ser a única sensibilidade que conhecem. O que lhes falta em profundidade têm em excesso à flor da pele. De maneira que parecem movidas por tropismos e pelo desejo de adequação estética ao meio ambiente: o meio natural e o meio artificial, já que Guy de Cointet parece ter escrito toda a sua peça para levar às últimas consequências a reversibilidade entre ambos. E as suas "personagens" que não o chegam a ser, as cinco irmãs, "performam" essa artificialidade radiante, como formações plásticas – no duplo sentido da palavra – de um mundo liso e etéreo.

António Guerreiro
(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Guy de Cointet
(Paris, 1934 – Los Angeles, 1983)

Nascido numa família de militares, Guy de Cointet viveu durante a sua infância e juventude em diferentes países, tendo passado a adolescência em Oran, na Argélia. Depois de ter concluído o ensino secundário, e de regresso a França, estudou na Escola de Belas-Artes de Nancy. Em 1956, passou a viver em Paris, onde trabalhou como artista gráfico para as revistas de moda *Vogue* e *Jardin des Modes*. Em 1966, partiu para Nova Iorque, mudando-se para Los Angeles em 1968, onde trabalhou como assistente do jovem artista Larry Bell até 1975, tendo nos anos seguintes sido professor no Otis Art Institute, onde lecionou um curso de *performance art*. Viveu e trabalhou em Los Angeles até à sua morte prematura, aos 48 anos.

Foi em Los Angeles que Guy de Cointet desenvolveu a obra pela qual é hoje consensualmente reconhecido no mundo da arte: uma profusa produção de desenhos, obras que tomam a forma democrática do livro, um extenso conjunto de peças teatrais (para as quais escreveu os textos, produziu objetos e dirigiu os atores, na sua maioria mulheres). O seu trabalho radica num fascínio pela linguagem e pelos seus usos em contextos tão diferentes como a literatura (Raymond Roussel é uma referência assumida), a televisão e a rádio, ou as conversas quotidianas; o mesmo é dizer, num fascínio pelas formas e pelos processos da comunicação humana. Em meados da década de 1960 e nos anos subsequentes, Guy de Cointet havia realizado um conjunto de pinturas-objeto, abstratas e de cores vibrantes, por vezes com composições padronizadas. A exposição na Culturgest não inclui nenhuma dessas obras, ainda de juventude, sendo antes demarcada pelos desenhos que o artista realizou em 1971 e 1972.

Guy de Cointet explorou recorrentemente diversos procedimentos de codificação e abstração da linguagem. É exemplo a escrita em espelho, utilizada em vários desenhos de 1971 e, com especial insistência, nos desenhos de 1982 e 1983 feitos com uma caligrafia ornamental, evocativos da escrita árabe. A escrita em espelho surge frequentemente associada a uma rotação na posição do texto, destabilizando e complexificando ainda mais as relações entre imagem e texto, entre ver e ler, entre significante e significado. Também frequente no seu trabalho é o método, característico da criptografia, de conversão do texto (do alfabeto latino) num sistema de signos irreconhecível. Recorreu pela primeira vez a esse método numa série de desenhos de 1971 e 1972, em que o texto surge cifrado num alfabeto cujo denominador comum é a forma hexagonal. A ele haveria de regressar no seu primeiro livro, *A Captain from Portugal* (1972), assim como no seu último livro, *Animated Discourse* (1975), realizado em colaboração com Larry Bell, em que um excerto do livro *A Arte de Viver para as Novas Gerações* (1967), de Raoul Vaneigem, é transliterado para um sistema de signos (um outro alfabeto e sistema de pontuação) formado por imagens fotográficas.

© Sal Kroonenberg / If I Can't Dance, Amesterdão · Cortesia Guy de Cointet Society, Air de Paris e Estate of Eric Orr

Desse método fez igualmente amplo uso numa série de desenhos de 1976.

Entre 1973 e 1976, Guy de Cointet fez uma pausa na sua produção de desenho. Nesse período, continuou a dedicar-se intensamente à produção de livros que evidenciam fortes afinidades com a poesia concreta e visual: a seguir ao jornal encriptado ACRCIT, edição do autor em 1971, e além dos livros acima mencionados, o artista publicou *Espahor ledet ko uluner!* (1973), *TSNX C24VA7ME* (1974) e *A Few Drawings* (1975). Mas o interregno na sua produção de desenho explica-se sobretudo pela absorvente atividade de criação de peças teatrais. Em 1973, Guy de Cointet produziu uma série de doze impressões serigráficas que seriam ativadas na peça *La très brillante artiste Huzo Lumnst présente son nouveau travail: CIZEGOH TUR NDJMB*, interpretada pela atriz Chantal Darget (Galerie Sonnabend, Paris, novembro de 1973). Esse seria o primeiro de vários monólogos para uma atriz que caracterizam a primeira fase do teatro de Guy de Cointet. Os objetos produzidos para essas peças (quadros na parede ou um livro; composições com signos, símbolos, diagramas) corporizam jogos de linguagem idênticos aos que o artista explorou nos livros *TSNX C24VA7ME* e *A Few Drawings*, e desempenham um papel fulcral na narrativa e na construção dramatúrgica das peças: são enigmas que a atriz decifra ou a que se refere constantemente. Já então, e em todo o trabalho teatral posterior, os objetos não se reduzem ao simples estatuto de adereços. Constantemente convocados e ativados pelos atores, seja através do discurso, seja através da interação física que com eles estabelecem, os objetos ganham uma importância decisiva no teatro de Guy Cointet, ascendendo à condição de personagens. Para o artista, os objetos detinham a sua autonomia própria enquanto obras de arte, como atesta o facto de ter mostrado por vezes esses objetos (por exemplo, os conjuntos de objetos para as peças *Ethiopia* e *Tell Me*) em exposições.

Guy de Cointet seguiu, na criação das suas peças teatrais, o método tradicionalmente usado no teatro: escrita do texto, escolha dos intérpretes, ensaios, representação. Com *Ethiopia*, em 1976, e imediatamente a seguir, com *Iglu* e *Ramona*, em 1977, peças concebidas em colaboração com o escultor e músico Robert Wilhite, o teatro de Guy de Cointet ganha maior complexidade: os textos tornam-se mais extensos, a duração das peças alonga-se, há uma maior profusão e variedade de objetos, o elenco passa a integrar três ou mais atores (nomeadamente, aquelas que se tornariam as suas atrizes prediletas e mais requisitadas, Mary-Ann Duganne Glicksman e Jane Zingale). Nos anos seguintes e até 1982, em peças como *Tell Me* (1979), *A New Life* (1980), *Comme Il est Blond! (ou De Toutes les Couleurs)* (1982) e *Five Sisters* (1982), Guy de Cointet continuou a desenvolver e a apurar um estilo muito próprio e inconfundível, pleno de artifício e de humor, caracterizado pela maneira enfática de representação (expressão verbal e gestual dos atores), assim como pelo modo como os objetos são integrados e ativados nas peças. Enquanto os desenhos geram relações recursivas, e por vezes disjunções, entre o visível e o legível (inteligível), nas peças teatrais o artista fabrica, a todo o instante, uma divertida descontinuidade entre o que vemos e o que ouvimos, assim induzindo ou acentuando um constante entrelaçamento entre o familiar, o absurdo e o enigmático.

Durante a sua vida, Guy de Cointet seria mais conhecido pelos livros e, sobretudo, pelas peças teatrais do que pela produção de desenho. O artista realizou poucas exposições individuais (a primeira em 1976, na Cirrus Gallery, em Los Angeles, onde apresentara já algumas das suas primeiras peças teatrais), e muitas das exposições coletivas em que participou (a primeira em 1972) incidiram sobre o livro de artista ou o uso pelos artistas do texto como *medium*. Em contrapartida, a sua breve carreira foi preenchida por múltiplas representações das suas peças teatrais, quase sempre nos Estados Unidos, fosse em galerias de arte, salas de espetáculo, museus e centros de arte contemporânea (incluindo, em Nova Iorque, os prestigiados Whitney Museum, MoMA e Solomon R. Guggenheim Museum), ou clubes noturnos. Apreciado e admirado na época em círculos restritos do mundo da arte, a obra de Guy de Cointet foi redescoberta à escala internacional em 2004, com a retrospetiva comissariada por Marie de Brugerolle no Museu de Arte Moderna e Contemporânea, em Genebra. Desde então, tornou-se referência maior no campo das artes visuais e fonte de inspiração para um número crescente de artistas.

Miguel Wandschneider

Próximo espetáculo

© Lars Jönsson

The Heat Death

Ciclo "Isto é Jazz?"
Comissário: Pedro Costa

Jazz **Qui 19 de maio**
Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h · M6

Quinteto escandinavo de música improvisada com um toque de jazz. Grandes músicos. Tudo pode acontecer.

Próximo espetáculo de teatro

© Jemima Yong

THIS IS HOW WE DIE

É ASSIM QUE SE MORRE

de Christopher Brett Bailey
No âmbito do Alkantara Festival

Teatro **Qua 1, qui 2, sex 3 de junho**
Pequeno Auditório · 19h · Dur. 1h10 · M14

Histórias de paranoia, amor juvenil e ultraviolência matraqueadas numa colagem de narrativa e *spoken word*. Da mesa de Christopher Brett Bailey vem uma odisseia vertiginosa de humor negríssimo e prosa de pesadelo. Naco suculento de *trash* surrealista, esta é uma viagem fatal pela cultura americana e um exorcismo estonteante para um mundo convencido de que está a morrer.

Mais informações em www.culturgest.pt

As emissões de gases com efeito de estufa associadas à produção desta publicação foram compensadas no âmbito da estratégia da CGD para as alterações climáticas.

Conselho de Administração
Presidente
Álvaro do Nascimento
Administradores
Miguel Lobo Antunes
Margarida Ferraz

Assessores
Dança
Gil Mendo
Teatro
Francisco Frazão
Arte Contemporânea
Miguel Wandschneider

Serviço Educativo
Raquel Ribeiro dos Santos
João Belo
Estagiárias:
Nádia Gomes
Nádia Luís

Direção de Produção
Margarida Mota

Produção e Secretariado
Patrícia Blázquez
Mariana Cardoso de Lemos
Jorge Epifânio

Exposições
Coordenação de Produção
Mário Valente
Produção
António Sequeira Lopes
Paula Tavares dos Santos
Fernando Teixeira

Culturgest Porto
Susana Sameiro

Comunicação
Filipe Folhadela Moreira
Bruno Pereira

Publicações
Marta Cardoso
Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais
Catarina Carmona
Patrícia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros
Cristina Ribeiro
Paulo Silva
Teresa Figueiredo

Direção Técnica
Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes
José Rui Silva

Assistente de Direção Cenotécnica
José Manuel Rodrigues

Audiovisuais
Américo Firmino
(coordenador)
Ricardo Guerreiro
Suse Fernandes

Iluminação de Cena
Fernando Ricardo (chefe)
Vítor Pinto

Maquinaria de Cena
Nuno Alves (chefe)
Artur Brandão

Técnico Auxiliar
Vasco Branco

Frente de Casa
Rute Sousa

Bilheteira
Manuela Fialho
Edgar Andrade
Clara Troni

Receção
Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo
Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos
Isabel Corte-Real
Miguel Caissotti
Lúcia Marques
Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD
Rua Arco do Cego nº50, 1000-300 Lisboa
Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo